

MEMÓRIA CAMPINEIRA (59)

A "AURORA CAMPINEIRA"

Júlio MARIANO

Campinas teve na "Aurora Campineira" o seu primeiro jornal, a folha do amanhecer da sua imprensa. E em João Teodoro de Siqueira e Silva o seu primeiro e autêntico gazeteiro profissional. Isso foi lá pelo ano de 1858, quando de muito uso no interior da província os babados românticos. Que dizer do aparecimento do jornal, numa cidade que somaria quando muito em toda área urbana 1500 fogos e 9000 habitantes? Um despontar de aurora que infelizmente não teve entre os contemporâneos o seu cronista para nos relatar se foi ou não de festivas clarinadas aquele domingo histórico de 4 de abril de 1858. Capaz de sobressalto à curiosidade pública, noite a dentro do sábado de véspera, horas mortas, no escuro e ermo da rua do Pórtico, vizinhança do cruzamento da rua da Bica Grande, isto é, da esquina Ferreira Penteadado e Irmã Serafina de hoje, tão-só, ao que se conta, aquele rumor de ferros velhos em entrechoques bimbalhantes, a que se chamou mais tarde "gemer dos prelos". Era o parto imprevisto, custoso e incerto da **Aurora Campineira**, uma folha medindo 30 centímetros de comprimento por 20 de largo, com quatro páginas e composição em duas colunas cheias, corpo 8, de publicação semanal.

Temos nos componentes dessa firma Silva & Irmão os dois Teodoro de Siqueira e Silva, João e Francisco, proprietários e editores e também únicos redatores da "Aurora Campineira". As velhas crônicas dos fastos de Campinas antiga quase ignoraram o Francisco, aliás o mais jovem dos dois irmãos, para somente se estender com as façanhas do João. E que, para uma época em que o jornalista não se fazia por título concedido a si próprio, gazeteiro de verdade seria só o João, não ainda o Francisco, em obrigatório curso de "foca". Um jornalista sem a estamemha de Frei Tibúrcio, despido do grau de bacharel em leis e filosofia que possuiu Hipólito da Costa e nem comenda

alguma, o João Teodoro simplesmente se plasmara nos princípios liberais, por entre as seitas maçônicas muito em moda na época.

Em se sabendo do tipógrafo, não admira o destemor e belicosidade do João Teodoro, que andou com o seu jornal aos trancos e trompaços, se molestando, se inimizando até ao ódio com gente graúda da terra, incluso o Meritíssimo Juiz da Comarca. O tipógrafo, mesmo quando pretenda consertar o mundo e nivelar a sociedade a dinamite, é sempre um idealista sincero e brigão por suas idéias. Manejando sem galanices de estilo e nem tiradas poéticas a pena de jornalista, pode descer a pasqureiro, metendo a mão em escândalos, sem deixar, no entanto, de ser honesto aos princípios e programas traçados.

Com referência ao legítimo pioneiro na imprensa da "Princesa d'Oeste", ele se nos apresenta como homem do povo, gazeteiro de combate, pelejando num época que se afirma algures ter sido a dos "assalariados porretes, moedores e atrevidos" das "venalíssimas garruchas, liquidadoras de teimosos". João Teodoro não se vendeu, não levou tunda e nem chegou a engolir qualquer folha impressa que estampasse um dos seus artigos mais desaforados. Ele, só, aguentou a mão em quinze processos, por delitos de imprensa, durante os poucos anos de vida da "Aurora Campineira". E com a ajuda do irmão, redigia, compunha, imprimia e distribuía semanalmente o jornal aos 120, assinantes, quantos chegou a possuir.

Convertido em órgão oficial do Partido Conservador, a começar de 10 de janeiro de 1860, deixou o periódico de ser "Aurora Campineira" para se rebatizar em "O Conservador", então sob a direção política do dr. Francisco Antônio de Araújo, indicado pelo diretório "conservador" local. Já, agora, tão-somente proprietário da tipografia editora, enxugou a pena de pato o ardoroso João Teodoro, retirando-se para o posto de gerente da folha que imprimia.

(História da Imprensa em Campinas, em "Monografia histórica do Município de Campinas, pp. 302-304. Rio de Janeiro, Serv. Graf. do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952).